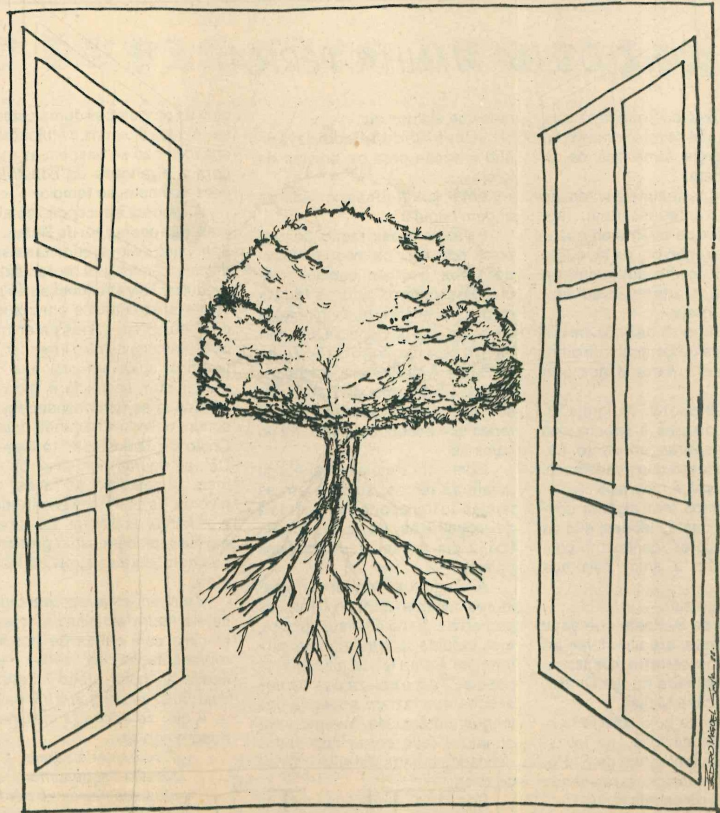




EDITORIAL

A quem, se destina o olhar da janela?
 Não interessa. Vamos supôr que atrás da cortina estás tu.
 Bom, aí... puxas uma nesga, algo se movimenta, ficas curioso, vais puxando, ficas mais curioso...
 Não resistes...! E dum rasgo abres toda a janela.
 De lá, fazes um salto mortal e passas para o outro lado. Juntas-te à multidão que passa: é o cão da Diana, são os Momos de Rates, o Zé Freixo de pistola à cinta mais o D. Imaginário que conta histórias do Arco da Abelha e a Josefina, a Manca, que responde torto a toda a gente.
 A tua história já foi contada e recontada. Deixar. Pensa noutra, aquela da do Zé dos ovos que de tantos que comeu se transformou numa omeleta acabando por morrer esfaqueado e agarrado no restaurante da ponte.
 A tua janela continua aberta... agora sou eu quem salta. Também tenho as minhas malandricas para fazer. Lembraste daquele Carnaval...?
 Bom, e se mudássemos de assunto?
 Afinal, para que serve uma janela? Abre e verás.
 Serve para olhar as outras janelas. Da tua vê a minha, as deles e as que estão por detrás das deles. E de tantas janelas ficas com montes de vidro.
 Sacas a cortina...
 Deixas que o Sol entre e aí está, a luz por todo o lado...

H.P.



REFLEXÃO

Com o objectivo de participar na Escola como elemento activo, dispus-me a tomar parte do jornal escolar.

Resolvi escrever sobre a localidade onde moro: S. Bento da Várzea.

No entanto, uma pergunta intrigava-me: o que é que haveria para contar que merecesse a vossa atenção, se é que alguma coisa existiria?

Comecei a pesquisar, mas fiquei um pouco decepcionada: os mais idosos tinham-se perdido no tempo, e poucos ou nenhuns elos ligavam os mais jovens ao passado.

Contudo, depois de algum esforço e persistência, descobri algo surpreendente: quanta admiração reflectiam os meus olhos perante o nº1 do Jornal o "Aranto" fundado pela Comissão Fabriqueira de S. Ben-

to da Várzea, em Julho de 1960!

Um Jornal que nascera há 28 anos e que desaparecera durante aquelas chuvas de Fevereiro ou durante aquele sol ardente do estio.

Muitas pessoas lhe dedicaram minutos, talvez horas de uma vida tão ocupada, mas permitiram, no entanto, que o vento e o passar dos anos arastassem consigo a memória de tal valor cultural!

Esta descoberta convidou-nos a reflectir sobre a importância deste tipo de actividade cultural em qualquer localidade: alargar os horizontes culturais das pessoas, exigir uma maior participação na terra que habitam, informar os que não podem disfrutar directamente das novidades da freguesia, dar a conhecer a to-

dos os habitantes como vive e cresce a freguesia, acontecimentos e casamentos, situação agrícola, tudo o que se julgar ser de interesse da população em geral, preencher os tempos livres, divertir e instruir.

Gostaria que reflectissem sobre o que acabo de escrever, construam projectos com valor cultural que permitam o crescimento do meio em que vivem ou, se eles existem, não

os deixem perder-se no tempo.

"Façam parte do vosso meio, da Escola, da vossa freguesia, da comunidade como elementos activos, vivam a vida - não precisam de correr nem fugir num espaço tão maravilhoso!"

Teresa Silva (11º A)

Sumário:

Pág. 2 - "A História que somos"

Pág. 3 - "Janela Aberta... à Reflexão"

Pág. 4 - ... ao saber

Pág. 5 - Humor

Pág. 6 - Concurso / Opinião

Ficha Técnica:

Dinamizadores: Paulo Viana (prof.), Conceição Brito (11º D), Carlos Miguel (11º C), Pedro Miguel (11º C).

Produção de textos: alunos e professores.

Seleção / Correção: Teresa Carriço (Prof.), Joaquim Alves (Prof.), Ondina Basto (Prof.) e Humberto Portela (Prof.).

Dactilografia: Conceição Araújo (11º B), José Lopes (Func.), Paula Viana (Prof.).

Composição / Gráfica: António Pereira (Prof.), Eduardo Carvalho (Prof.) e Paula Viana (Prof.).

Distribuição: Directores de Turma e alunos.

Publicidade: Fátima Campos (aluna).

Capa: Pedro Miguel (aluno).

□ SOMOS
FRANCOS
COM OS
OUTROS
QUANDO
NÃO
DEPENDEMOS
DELES □

A HISTÓRIA QUE SOMOS

CONTOS DA MINHA TERRA

Ouvi a pessoas que já lá vão, uns contos que se relacionam com a nossa igreja romântica de S. Pedro de Rates.

Diziam que sempre ouviram da boca dos antepassados, nas longas noites de inverno enquanto se fiava o linho ou de lá, que a fonte de S. Pedro dava vinho e azeite para os artistas que trabalhavam na igreja.

Também corria de boca em boca e passava de geração um outro conto que era narrado aos serões:

«Que as pedras da igreja foram transportadas à cabeça das mulheres moursas enquanto fiavam nas rocas, e que a mesma foi construída pelos mouros».

Poderemos tirar alguma conclusão real destas lendas, que os nossos maiores contavam com tanto carinho e amor pela sua igreja?

Julgo que sim.

A fonte de S. Pedro que dava vinho e azeite, era uma fonte de mergulho com certa traça artística, que ficava situada na rua Direita, contígua à casa Matias.

Encontra-se hoje soterrada e, em sua substituição, foi construído o belo fontenário de S. Pedro, cujo fontespício está voltado para o local da extinta fonte.

A traça arquitectónica que presidiu à sua construção está, em parte, delapidada.

Este fontenário foi construído com uma dupla finalidade: fornecer água potável a algumas casas da rua Direita, mas, de um modo especial, às do lugar da Praça de Barão Peixoto Serra.

Além da água potável fornecida por este fontenário, todas as famílias dispunham de um amplo tanque contíguo ao mesmo, onde podiam lavar a roupa.

O fontenário de S. Pedro terá sido construído entre os anos de 1930/1940.

Voltando à primeira lenda, ve-

mos que ela nos diz:

«Que fonte de S. Pedro dava vinho e azeite para os artistas da igreja».

Esta lenda é sem dúvida de origem popular.

E talvez tenha razão de ser, pois, por ela, os nossos antepassados queriam concluir que muitos seriam os artistas feridos com os similares que colocados um a um, com paciência e arte, formam o belo românico de S. Pedro de Rates. A medicina aplicada aos feridos era o azeite de Rates. Assim procedeu o Samaritano com o ferido que encontrou na berma do caminho.

Com esta simples terapêutica usada ao tempo, se curavam as feridas do transporte das pedras e da construção do belo romântico, já em linhas arquitectónicas ogivais.

A segunda lenda: «as mulheres moursas transportaram as pedras à cabeça e fiando na roca, e os mouros construíam a igreja» também é uma lenda nitidamente popular. Tem a beleza dos cantos antigos que faziam a alegria dos longos serões de inverno, enquanto o fuso corria nos dedos delicados e finos da mãe e filhas da casa.

Por esta lenda os nossos antepassados queriam dizer aos novos e estranhos, assim como todos aqueles que teriam por berço a freguesia de S. Pedro de Rates, que a toda a população ratense, homens e mulheres, se empenhou na construção da sua magnífica igreja.

Também podemos afirmar, baseados na lenda, que todos trabalharam como mouros, no dizer do provérbio. É este o significado de atribuir o transporte das pedras e a construção da igreja aos mouros. Todos nela trabalharam de sol a sol, desde a alborada ao crepúsculo.

Não se levantaria uma igreja

com as proporções duma catedral se todos, homens, mulheres e crianças não se dessem as mãos para a arrancada da construção desse sumptuoso templo.

As pedras à excepção de algumas, não podem ser de Rates. Teriam vindo de lugares distantes por difíceis caminhos e de textura irregular. Talvez coubesse às mulheres e às crianças o transporte das pedras em carros de animais por caminhos de piso irregular. Os homens cortavam-nos nas pedreiras com sacrifício e suor. Os artistas lá as iam delineando, alisando, polindo e traçando nelas e Cristo de Majestade, o Agnus-Dei, as figuras humanas, os animais afrontados, as aves carnívoras, os desenhos geométricos e as folhas de plantar. A serpente e o leão também estão presentes na pedra dura da igreja da minha terra.

Também está representada a sereia, figura feminina da cinta para cima com cauda de peixe. A representação da sereia está ligada ao herói grego Ulisses e cuja odisseia chegou à minha terra e que se encontra viva nesta quadra popular:

*Ouvi cantar a sereia
No alto daquele mar
Quantos navios se perdem
Ao som daquele cantar.*

Esta quadra ecoava nos campos cantada pelas moças enquanto segavam o alimento para os animais ou ceifavam o trigo ou outro qualquer cereal.

Estes dois contos simbolizavam parte da história da construção da magnífica igreja de S. Pedro de Rates.

Estas duas lendas reflectem a realidade de construção duma igreja e as vicissitudes nela encontradas ao longo da sua construção.

Baptista (prof.)

«O OUTEIRO DE S. BRÁS»

Bem perto da minha escola, uns 100 metros para Nascente, ergue-se um lindo outeiro, encimado por uma branca capelinha em espaçoso adro orlado de mimosas. Visto à distância é um morro encantador. Exerce sobre os meus olhos uma atracção irresistível. E não resisto à curiosidade de perscrutar o seu íntimo e de passar um pouco a sua história. A frente que ali forra o ribeiro pequenino e tímido, definido a custo o seu leito, em terras lamacentas o escadório a que leva à capela de S. Brás ou as ruas que abraçam o outeiro por um e outro lado sem esquecer um ingénuo coreto de música mais para Norte, são obra da natureza e do homem que ali trabalharam à porfia.

A perfeição das apartes e a beleza do conjunto igualmente se impõem à nossa consideração. Antes de mais, impressiona a paisagem que dali se desfruta. Ao longo e ao largo o Bom Jesus de Braga, os montes do Gerês e a extensa orla marinha.

Depois, o monte da franqueira e a Serra de Airó. Mais próximo, a cidade de Barcelos que tem aqui um dos seus melhores miradouros.

Ao fundo da encosta desliza o nosso rio grande, o Cávado de poesia e da abundância que fertiliza os campos, alimenta as fábricas e dá vida à cidade. E se o Cávado no seu longo trajecto corre «encaixado entre relevos (p44) seguindo em grande parte o traçado de uma linha de falha» (p42), como atesta as nascentes de água subfúrasas do Eirogo e de Lijó (lugar do Mosqueiro) o montante, e águas subfúrasas do Penado do enxofre a Juzante da ponte romântica (p46), aqui frente à velha urbe alarga o seu leito, torna-se maneirinho e condiciona o seu curso às exigências da nossa praia fluvial. E á ali mesmo, pouco acima junto à desmanteladas azenhas de Vessadas, que desagua o minúsculo arroio de Lavandeiras e que a S. Brás empresta a frescura da sua presença. A fonte de Ninães, esta antiga e afamada nascente, foi reconstruída pela Câmara Municipal em 1970 segundo Teotónio da Fonseca pois, segundo Domingos Joaquim Pereira, foi reconstruída em 1700. No seu frontão vê-se a seguinte inscrição:

«Varea nascentur agvua de vertice, Hac de Celesti vertice Linpha Flvit» (2).

Esta fonte é tão famosa pela sua água fresca e «bon-dosa» que vários arcebispos de Braga, apesar da distância de 3 léguas a mandavam ai buscar para seu consumo. Por curiosidade podemos citar Sebastião de Mattos, entre outros.

O escadório que se ergue neste belo lugar tem cinco lanços bem definidos, ladeados de mimosas e oliveiras e que nos ajudam a subir a ladeira escarpada, prepara o espírito para subir à contemplação das belezas envolventes e que tanto impressionaram os visitantes.

Ao cimo de um escadório, a histórica capelinha onde S. Brás intercede por aqueles que o procuram nas horas difíceis. Esta capela é antiga, talvez do século XVI, é de construção baixa e humilde.

A porta principal, estilo maneirino, teve outrora um alpendre cujos vestígios ainda são definidos por Teotónio da Fonseca. Interiormente tem um artístico altar renascença Italiana e um lambrim recente de azulejos sete centistas. Dizem que foi mandada construir por um antigo senhor da casa de Lavandeiras a quem pertenceu até 1882, ano em que passou para a Irmandade de S. Brás.

A sua romaria realiza-se no dia 3 de Fevereiro quando é domingo ou no domingo imediato.

O povo da cidade e arredores ali se reúne, rezam ao santo, ouve música, dança e, em alegre convívio, comem os saborosos petiscos regados pelo bom verdasco comprado no arraial à bica da pipa.

1 — A traduzir pelos professores e alunos.

Conceição Faria
(11C)

BIBLIOGRAFIA

— Fonseca, Teotónio da — «O concelho de Barcelos Aquém e Além».

Cávado — Barcelos 1948. P.45 e seguintes.

— Madeiros, Cândido de — «Carta geológica de Portugal» Lisboa 1965. 42,44,46

— Pereira, Domingos Joaquim «Memória Histórica da vila de Barcelos, Barce-

PENSAMENTOS

«O homem não vive só de palavras, apesar de às vezes ter de engoli-las»

Adlai

«Só há uma atitude racional diante dos preconceitos: agir como se eles não existissem»

«Metade da nossa vida é gasta na procura de algo para fazer no tempo que nos sobra porque passamos a vida correndo para poupá-la

Will Rogers

SOLUÇÕES DAS PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Espiritual. 2 — Sara; rã. 3 — Pio; arifos. 4 — Or; Ari; aro 5 — Narrativas. 6 — Tim; trafa. 7 — Ar; grã. 8 — Novas; pai; 9 — In; manas. 10 — Ossadas. 11 — Oa; atrela. 12 — Arrolais.

Verticais: 1 — Espontâneo. 2 — Saíram; Sor. 3 — Pró; avisar. 4 — Ia; art.; anã. 5 — Araras; Dal. 6 — Irritar; mata. 7 — Tai; II; pá; ri. 8 — Lavagantes. 9 — Amora; ria. 10 — Sósia; Sras.

PORTUGAL

QUINHENTISTA

Oh Portugal!
Tanta aventura, tanta glória,
Tanta loucura, tanta vitória,
Se foram desvanecendo entretanto...
Nem Lisboa rainha com seu manto,
Arrastado pelo trono do Tejo, ainda luz.
Oh quinhentistas! A vossa obra, a vossa Cruz,
Se apagou pouco a pouco... E jamais
Os filhos de ti — Portugal,
orgulharão seus pais.
Pois nós nos orgulhamos de tudo aquilo que fomos,
Mas ele não se orgulhariam, sabendo o que hoje somos.

João Faria Dantas (10^o A)

JANELA ABERTA... À REFLEXÃO

Esta secção, a manter no próximo número deste jornal, destina-se a textos que sejam o resultado de reflexões feitas por alunos e/ou professores sobre problemas que nos preocupam a todos, mas que existem e fazem parte quase constante do nosso dia-a-dia.

*Um dia destes ausentei-me
e quando dei por mim, deparou-se-me
a solidão, o silêncio
depois veio o pensar
sim, pensei nele... num tal dia.*

*Foi na casa do Pinhal, era sábado com vento e
muita chuva.*

*Andámos, falámos, sorrimos e eu senti-te.
Sim, foi lindo!
Lembras-te?*

*Não, não houve beijos. Mas no meio da chuva
do vento, vi o sol e a vida*

*O dia momento a momento, sentia-o com amor
e carinho e adorei!*

Fiu feliz e não houve beijos... e agora?

*Pensei. Algo foi diferente e, de súbito, senti um
calafrio, levantei a cabeça e vi que tudo não
passava de um sonho.*

*Na solidão, apaguei a luz, envolvi-me na
escuridão com o som do silêncio. Senti-os.*

Depois?

Bem, depois comovi-me e chorei!

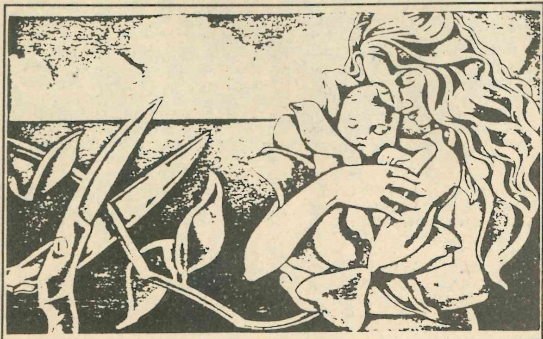
SAUDADE
Meco (10º ano - A)

**Quero dormir sobre o teu corpo
e nele despir-me o meu corpo
quero sonhar em teu ombro
o que o sonho aventura**

**Quero tocar o céu em tua boca
e viajar as viagens do teu espaço
e sentir as coisas que não sinto
porque são coisas sem paisagem de ti**

**Quero esculpir um rio
e erguer-me ao vento e bebê-lo
nos teus seios como salgueiros
(água profunda de toda a sede)**

Alberto Gomes



A DUPLA FACE DA SOLIDÃO

EU NÃO SOU O ÚNICO. A MEU LADO EXISTEM
MILHÕES

Várias personalidades veem de modo diferente esta questão, assim Bertrand Russell, filósofo inglês fala sobre a sua solidão:

«Na infância, eu vivia com um sentimento sempre crescente de solidão e desespero, por não encontrar alguém com quem pudesse conversar. A natureza, os livros, mais tarde, a matemática salvar-me-ia do desânimo completo.»

Uma opinião diferente apresenta-nos um escritor Norte-Americano Henry Thoreau:

«Até a melhor sociedade cansa depressa e distrai-nos dos pensamentos sérios.»

Gosto de estar só. Não há convívio mais agradável do que a solidão.

Amiúde ficamos mais a sério entre as pessoas do que no silêncio da nossa casa.»

A partir da exposição destas duas opiniões divergentes mas que se completam, podemos formar uma outra, isto é, a necessidade de recolhimento, de isolamento espacial e psicológico do ego face aos outros é, pelos vistos, tão primária no homem como a necessidade de convívio. Quem mais sofre com este problema são os adolescentes: a consciencialização da dissemelhança existente entre eles e outros, alegrá-los e ao mesmo tempo assustá-los.

A falta de hábitos de auto-análise e convívio íntimo cria neles a sensação profunda de serem incompreendidos, isolados. Os adolescentes não sabem que este problema é universal, ou seja ele julga-se mais solitário e sensível do que os seus coetâneos.

Há quem defenda que a idade em que se sofre com o problema da solidão é a velhice, quando a pessoa perde os seus amigos, abandona por força a sua actividade habitual, no fundo quando se encontra mais perto do supremo momento de solidão: morte.

Só que, por mais trágicos que sejam estas situações, a pessoa aprende com a idade a compatibilizar as suas pretensões e capacidades, adquirindo os hábitos de comunicação que atenu-

am as situações mais duras. É esta a experiência que os jovens não possuem.

O adolescente muitas vezes toma por solidão o tédio ordinário, porque não sabe achar uma ocupação a seu gosto ou porque lhe falta uma companhia adequada.

É aos fins-de-semana que os estados de pessimismo incidem na maioria dos casos, porque é quando os adolescentes estão totalmente desocupados, ou então nos períodos em que entram numa nova vivência escolar ou laboral.

Segundo alguns sociólogos, o sentimento de solidão deve-se muitas vezes às frequentes mudanças de domicílio que são muito características na nossa época.

Mas se o que está em causa é o "NOMADISMO", então como se justifica que o "Síndrome da solidão" afecte tanto os indivíduos que vivem sempre rodeados pelas mesmas pessoas?

Uma vez verificada e estudada esta questão chegou-se à conclusão que a principal causa que provoca o "SÍNDROME DA SOLIDÃO" é a qualidade de vida, os contactos sociais, o grau de satisfação emocional com o trabalho, com o lugar de domicílio e da participação na vida do grupo social respectivo. Como romper então as "CADEIAS DA SOLIDÃO?" é a questão que muitos psicólogos fizeram a si próprios.

Fazendo um apanhado das diversas respostas chegou-se à conclusão de que o estabelecimento de novas relações é um fenómeno muito complexo. A pessoa tem de apresentar-se "exibir-se" a si própria, avaliando paralelamente a conduta e o carácter das pretensões do outro. De resto, muitas relações pessoais importantes, como o galanteio, implicam a observação de um tático, nem sempre idêntico, mas mesmo assim obrigatório. Um jovem inseguro das suas faculdades, em tais situações, sente-se embaraçado e pouco à vontade. A timidez juvenil vem agravar ainda mais estas dificuldades. Aflição sobretudo dos jovens que consideram a timidez uma qualidade "Não

masculina".

Uma vez foi feita uma experiência psicológica em que se propunha às pessoas que escolhessem o tipo de pessoa com quem gostariam de trabalhar e passar os tempos livres. Independentemente das suas qualidades pessoais, todos optaram pelo tipo extrovertido, ou seja "Sociável".

Porém quando lhes foi proposto "escolher" não apenas um colega ou companheiro de pi-querique, mas sim um amigo, o quadro mudou bruscamente: a maioria optou pelos introvertidos.

Porquê esta mudança?

A resposta mais exacta foi a do poeta Aleksandre Blok:

«... Uma pessoa que concebeu a sua solidão, ou que pelo menos a inventou para si, tem uma alma mais aberta e é susceptível de perceber coisas que outros porventura não perceberão.»

Não há "antídoto infalível para combater a solidão".

Mas recordemo-nos das palavras de Tiutchev: "Na tua alma há um mundo inteiro. Este mundo só pode ser criado por ti próprio. Um mundo onde se encontram e dialogam contigo grandes ideias dispersas no espaço e no tempo, os génios do passado, as imagens imortais da cultura universal. Sem te conhecerem, surgiram, viveram e permaneceram com a humanidade para se tornarem teus amigos.

E se ouvires as suas vozes na mansão da tua alma, jamais te sentirás só.

OBS. Quando nasceu em mim a ideia de fazer um trabalho para o jornal escolar (que com o decorrer do tempo foi ganhando um certo sabor a desafio) tive como primeira ambição dizer algo que fosse comum a toda a gente e que levasse as pessoas a reflectirem sobre um problema actual, e que é difícil de discutir e de perceber. Duma forma ou doutra tentei ajudar as pessoas que ainda não encontraram a ponte psicológica que liga cada ser humano ao seu próximo.

Ildio Pinto (11ºA)

ABORTO

Já lá vai o tempo em que os pais aguardavam, numa espécie de lotaria de boa-espérance, que o bebé a nascer fosse perfeito. A medicina dá hoje a conhecer aos progenitores quais as possibilidades de sobrevivência do filho sonhado.

O aborto, mesmo que temido, é encarado como uma hipótese que o casal deve ponderar se se considera incapaz de suportar um filho deficiente. Daí a legalização do aborto se tenha considerado aceitável.

Segundo a lei da I.V.G., (Interrupção Voluntária da Gravidez), são quatro as situações em que o aborto é despenalizado: quando a vida da mãe corre perigo (aborto Terapêutico), para prevenir perigo de vida ou de danos de saúde da mãe (aborto Profilático), quando a gravidez foi causada por violação da mãe, ou quando o feto possui doença grave ou malformação (aborto eugénico).

De acordo com a legislação,

qualquer mulher abrangida por uma destas situações pode solicitar a interrupção da gravidez.

A igreja, como outras instituições políticas ou sociais, opõem-se a esta lei, e também ao diagnóstico pré-natal. Questionando-se que se a criança se revelar deficiente não serão os pais tentados a desembaraçar-se dela?

A resposta é óbvia e, por mais cruel que pareça, é uma só: SIM.

Será que não cairemos, então, nos exterminios que na década de 40 assombraram a Europa aquando da subida de Hitler ao poder?

A resposta, de certos estudiosos, é que o aborto nada tem a ver com o extermínio de raças, mas, sim com a procura de uma valorização da humanidade como um todo.

Ao contrário do que se poderia pensar, sendo população portuguesa maioritariamente católica, e por isso mesmo contrária ao aborto, tenha um índice tão elevado de casos de I.V.G. por ano (mais de

100 mil por ano).

"Quando é necessário até os cristãos abortam?"

A prática da lei I.V.G. continua a sofrer dos vícios de uma "sociedade hipócrita e corrompida". Muitos já fazem do aborto um negócio lucrativo. O aborto é feito em clínicas privadas, ou em casas de partearas ou de cúrias com algumas facilidades.

Os números de casos de I.V.G. são elevados devido a continuarmos nitidamente atrasados em relação à Europa em matéria de informação sexual e das tão prometedoras consultas de planeamento familiar terem ficado aquém das expectativas.

Uma questão crucial se mantém: muitas mulheres portuguesas ignoram, que é possível controlar a natalidade até que tal problema seja solucionado.

A saída óbvia é... o ABORTO...

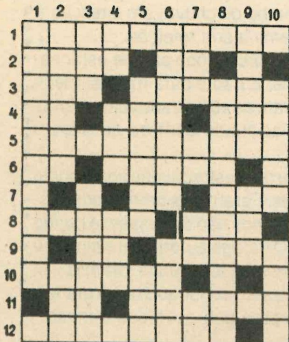
Jorge Torres (11º B)



HUMOR



PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Relativo ao regime da Igreja. 2 — Cura; batráquio. 3 — Bondoso; grão seco da uva (pl.). 4 — Suf. de agente; nome de homem; argola. 5 — Exposição dos pormenores de um facto ou série de factos (pl.). 6 — Túlio (s. q.); atraiçoava. 7 — Aparência; galha de uma espécie de carvalho. 8 — Novidades; progenitor. 9 — Pref. de negação; irmãs. 10 — Grande quantidade de ossos. 11 — Vogais da palavra «cola»; prende com trela. 12 — Fazeis inventário.

VERTICAIS: 1 — Que se pratica de livre vontade. 2 — Passaram para fora; ribeira de Portugal. 3 — A favor de; notificar. 4 — Alabava; abrev. de artigo; moeda de prata da Índia inglesa, correspondente à 16.^a parte da rupia. 5 — Grandes aves trepadoras brasileiras; rio da Suécia. 6 — Causar irritação; tira a vida a alguém. 7 — Rio da Escócia; dois, em numeração romana; utensílio de cozinha; graça. 8 — Crustáceo decápode, marítimo, um pouco mais pequeno que a lagosta e munido de duas fortes torques nos braços (pl.). 9 — Fruto silvestre; braço de rio. 10 — Indivíduo parecido a outro; abrev. de senhoras.

Soluções na pág. 2

AS TRAPALHADAS DO JILÔ COM A PROFESSORA DE PORTUGUÊS

Todas as aulas de Português tinham o mesmo ambiente: a professora ora irritada ora paciente e o Jilô sempre o mesmo trapalhão, mentiroso e contrariante.

Hoje, Jilô, o mesmo trapalhão de sempre, vai irritar a "sora" de tal forma que a aula vai ser mais uma palhaçada teatral do que uma aula do 9.^o ano.

Trím, trím, 10.30. Começa a aula:

PROF. — Meninos, hoje é a lição nº 12 e o assunto é a crise, sonorização, vocalização...

JILÔ — "Sora", deve estar enganada. Esta é a lição nº 1 porque é a primeira vez que fala nisso e não a 12.^a...

PROF. — Jilô, queres estar calado?!

JILÔ — "Sora", disse que hoje eu ia vocalizar a palatalização, não é?

PROF. — O quê?! Que disparate é esse?! Esquece e faz de conta que não disseste nada.

JILÔ — A "sora" disse para eu a esquecer e eu tentei, mas como sou tão esquecido de a esquecer.

PROF. — Continuemos a aula e não liguemos aos dispartes.

Filhos, meus amores, fizeram o trabalho de casa?

ALUNAS — Sim, senhora professora.

JILÔ — Que eu saiba, a mamã não mandou fazer nenhum trabalho, apenas me mandou vir para a escola.

PROF. — Jilô, queres fazer o favor de estares calado e não dizeres dispartes!

A AULA CONTINUA

PROF. — Pois a crise é a fusão de duas vogais, por exemplo, E+E dá só uma que é E, entendido?

ALUNOS — Sim, senhora

professora.

JILÔ — "Sora", não entendo!

PROF. — Qual é a dúvida, Jilô?!

JILÔ — "Sora", eu sempre aprendi que E+E=E2 e não E+E=E. Em matemática isso está errado! Já não percebo nada... a "sora" de certeza que está enganada!

PROF. — Jilô!?, nós estamos em Português e não em matemática, entendido?

Mas... o que é que te deu?

JILÔ — É do fígado e das reacções metabólicas do coração.

PROF. — O quê?! Jilô, Jilô,...

E ASSIM PASSA A AULA DISPARATADA HOJE, OUTRA AULA...

PROF. — Lição nº 13, assunto — composição: COMO UMA PESSOA VIVE NA TERRA

TODOS FAZEM A COMPOSIÇÃO. NA AULA SEGUINTE...

PROF. — Já corrigi as composições e estão óptimas, mas a do Jilô está diferente no assunto.

Jilô, porque é que fizeste o tema da Lua e não o tema da terra como eu mandei?

JILÔ — Sabe "Sora", a "Sora" mandou fazer o tema sobre uma pessoa que vivia na terra e eu normalmente vivo na lua, sou aéreo. É essa a razão.

PROF. — Jilô, estou a perder a paciência!!!

JILÔ — Não se preocupe, "Sora", eu ajudo-a a encontrá-la nem que vire a sala de pernas para o ar!

PROF. — Perdi a paciência! Rual!

Maria da Graça F.M. da Costa (9.^oB)

DUELO...!

Quando eu era aluno liceal, apaixonei-me por uma colega de turma.

Como é lógico, ela ficou toda excitada e nem calculam a sua reacção!

Foi ter com o meu pai, pedir a minha mão... e o resto em casamento.

Mas esta história não termina assim! Ela era casada com um atirador do oeste americano (facto que não me intimidou!). Fui ao oeste americano, mais propriamente Freixo de Pistola á Cinta propondo-lhe um embate (local e hora não digo, senão este texto não poderia ser lido por menores de 16 anos).

Eu, com a minha arma de fulminantes e ele com um lança mísseis e o resto da artilharia, começamos o embate.

A donzela, com o coração na mão, gritava:

— Meu querido, tem cuidado com esse bruto! Olha que não quero ficar viúva!

Os lobos da meia noite uivavam, os ursos ursavam e as abelhas da madrugada abelhavam.

— Ah!!!!...Que sonho estranho!!!!...

NUNO CARLOS FIGUEIREDO CAMPOS (10.^aA)

"Você pode melhorar sua aparência sem precisar de operação plástica. Basta sorrir"

"As pessoas, muitas vezes não prestam atenção ao que estamos lhes contando; Só quando falamos sózinhas é que ficam todas interessadas"

"Ser avô significa ter o prazer de ver a 3.^a edição da própria biografia, revista e melhorada"

ANEDOTAS

— Nesta cadeia todos os presos são obrigados a trabalhar, ouviu?

Que profissão escolhe?

— Caixeiro viajante, Sr. Director.

— Óh mamã, é Jesus que nos dá o pão de cada dia?

— É, meu filho.

— E é a cegonha que traz os bebés?

— Pois é...

— E é o pai natal que nos traz os brinquedos?

— É meu filho.

— Então para que serve o papá?

— Está? Donde fala?

— Da sapatária.

— Desculpe, enganei-me no número.

— Não faz mal. Passe para cá que nós trocamos.

— De manhã o galo entra na capoeira e começa a partir os ovos.

Mas num deles parte o bico, e verifica que o ovo é de barro.

Então diz para consigo:

— Ah, sua filha de uma galinha solteira, andaste a curtir com o galo de Barcelos!

Dois malucos:

— Ouve lá... aquela mota é inglesa, não é?

— É... claro que é.

— Então porque não tem o

volante à direita?

Duas freiras são raptadas e violadas por dois marginais.

A certa altura diz uma delas.

— Perdoa-lhes Senhor, eles não sabem o que fazem.

Diz logo a outra.

— O teu não sei, mas este é um grande artista.

Num restaurante canibal, pergunta um cliente ao empregado:

— Qual é o prato do dia?

— Viúvas...

— Ora bolas... Outra vez restos...

Num comboio, ia um senhor em frente do outro que de vez em quando levava uma mão à perna e cossava.

— E pergunta:

— Piolho?!

— Não, bicho da madeira.

Duas moscas estavam em cima de um excremento e uma delas disse:

— Queres que eu te conte uma anedota?

— Quero, mas não daquelas porcas porque agora estou a comer.

— Então caiu muita neve no teu quintal:

— Alguma, mas no quintal do meu vizinho ainda caiu mais.

— Como pode ser isso?!

— É que o quintal do meu vizinho é maior do que o meu.

— Condenado para o seu advogado:

— Ah! é duro ter de ir para a cadeia por toda a vida.

— O advogado:— Coragem, meu rapaz! Pode ser que morras antes de teres cumprido a pena toda!

— Junto da escola, tinham afixados avisos grandes para os automobilistas, que diziam:

"CONDUZA COM CUIDADO! ATENÇÃO! ESCOLA! PODE MATAR UMA CRIANÇA!"

Passados dias alguns dias alguém acrescentou aos avisos.

"Espero que passe um professor".

— Marido e mulher viajam, de noite num avião. Subitamente apagam-se as luzes.

— Valha-me Deus — Diz Isabel. O que será isto?

— Não te aflijas, querida. Deve ser algum túnel.

José Carlos Loureiro Dias (9.^o)

Carlos Miguel Araújo (11.^oD)

CONCURSO / OPINIÃO

CONCURSO DE LEITURA

Vai ser realizado nesta Escola um concurso de leitura que tem como objectivo principal o de despertar nos alunos o prazer e a necessidade de leitura.

REGULAMENTO:

1 — Serão realizados dois concursos de leitura que decorrerão nos 2) e 3) períodos

2 — Este concurso está aberto a todos os anos (desde o 7º ao 11º).

3 — Os alunos que quiserem participar deverão inscrever-se na Associação de Estudantes.

4 — As inscrições estão abertas até ao dia 30 de Fevereiro de 1988."

5 — As obras para cada ano

serão as seguintes:

7º ano - Os Bichos - Miguel Torga.

8º ano - Uma mão cheia de tudo e outra de coisa nenhuma - Irena Lisboa.

9º ano - Guardador de vacas e de sonhos - Alexandre Herculano.

10º ano - Os cús de Judas - Lobo Antunes.

11º ano - A Sibila - Agustina Bessa Luís.

6 — Os alunos terão que se submeter a uma prova escrita sobre a obra que leram (a data será afixada posteriormente).

7 — A data e local de realização das provas serão afixadas em cartazes no bufete.

8 — Será entregue um prémio à melhor prova de cada ano (a data de entrega dos prémios será afixada posteriormente).

A cargo da Associação

CONCURSO LITERÁRIO

O concurso é aberto a todos os alunos da Escola, divididos em 3 escalões:

- a) 7º e 8º anos
- b) 9º e 10º anos
- c) 11º anos

Os trabalhos poderão revestir a modalidade **Prosa** ou **Poesia**. Não deverão ultrapassar a extensão de 2 páginas A/4, se possível, dactilografadas.

No intuito de incentivar a tua

criatividade, o tema a desenvolver será escolhido por ti.

Os trabalhos deverão ser entregues ao respectivo professor de Português até ao dia 25 de Março.

Haverá 1º, 2º e 3º prémios para cada categoria.

Cada trabalho deve conter os seguintes elementos de identificação: Nome, idade, ano e Turma.

Os trabalhos serão, primeiramente aferidos pelo respectivo professor de Portu-

guês e, depois de seleccionados, entregues a um júri constituído para o efeito.

Os trabalhos premiados serão publicados no último número do jornal da Escola.

**Responsável pela
dinamização deste
concurso
AURORA CUNHA
ARAÚJO (PROF.)**

É verdade, a cantina continua a ser uma utopia. E como se diz por aí, cá vamos chorando e rindo!

A deslocação ao refeitório da Escola Preparatória é já uma espécie de peregrinação a que os alunos não escapam. E assim, percorrendo duros caminhos (sim, porque os acessos à escola são dignos de uma visita do Senhor Primeiro Ministro!), partem os nossos alunos (em tempo de chuva) em direcção à Preparatória para aí «saborearem» a sua refeição.

Comenta-se, entretanto, que Barcelinhos parece estar esquecido a mil léguas de Barcelos. E não é para menos, meus Senhores, já por várias vezes foram as autoridades camarárias alerta-das para o problema relacionado com os acessos à nossa escola.

Os alunos continuam a percorrer a estrada, que liga a ponte à escola, em péssimas condições. Foram-nos prometidos passeios de protecção para que os alunos não corressem o perigo que a todo o momento espregueia. O tráfego automóvel é muito intenso na estrada e areal de Baixo e vários alunos foram já vítimas de atropelamentos, embora sem consequências graves.

Estaremos por ventura à espera que aconteça o indesejável?

A colocação de lombas de desaceleração traria, pelo menos provisoriamente, a diminuição de risco de acidente, mas parece que não há dinheiro nem tempo para mandar proceder à sua «difícil» colocação. E assim, aquela curva que nos leva à escola tem sido objecto dos mais diversos baptismos:

«maldita curva», «que raio de curva», «curva perigosa», para além de muitos «ilustríssimos» nomes... Será que a culpa é da dita cuja que prega tanto medo aos que vêm de cima como aos que vêm de baixo?

Quem tem a solução para estes problemas, alguns deles tão pequenos, tão comezinhos?

Parece que ninguém!

H.P.

AGRADECEMOS A :

- Fábrica de meias — Cafir
Alvelos — Barcelos
 - Eldofaril — importadores
(casa dos chuveiros eléctricos)
Barcelos
 - Confecções — Barcelos
Barqueiros — Barcelos
- O apoio prestado na angariação de fundos para a nossa biblioteca escolar

CHARME

PRONTO A VESTIR : HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
A ACTUALIDADE EM MODA. VISITE-NOS
Rua Borgona de Freitas — Barcelos

Casa do PEDRO

de
Delfim Rodrigues Durães

LOTARIA
TOTOBOLA
JORNAIS E REVISTAS

RUA BOM JESUS DA CRUZ, 12
4750 BARCELOS

☎ 82468

PASTELARIA

D. Dinis

Manuel da Silva Esteves, L.da

TELEF. 811955
RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 98-100

4750 BARCELOS



AGENTE OFICIAL DOS RELÓGIOS
OMEGA - TISSOT

CARVALHO

OURIVESARIA - RELOJOARIA - JOALHARIA

Telefone, 83447
Largo Bom Jesus da Cruz

4750 BARCELOS